

**EDUCAÇÃO INTEGRAL E A RELAÇÃO ENTRE ENSINAR E APRENDER
FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DE HEIDEGGER**

**INTEGRATE EDUCATION AND THE RELATION BETWEEN TEACHING
AND LEARNING PHILOSOPHY IN HEIDEGGER'S PERSPECTIVE**

**EDUCACIÓN INTEGRAL Y LA RELACIÓN ENTRE ENSEÑAR Y
APRENDER FILOSOFÍA EN LA PERSPECTIVA DE HEIDEGGER**

Marcos Alexandre Alves¹
Guilherme Alves de Souza²
Isis Moraes Zanardi³

RESUMO

O artigo examina a proximidade da filosofia de Heidegger com o tema da educação, que está relacionado com a busca pelo sentido do Ser e pode ser explorado a partir do caráter essencialmente questionador de seu pensamento. O interesse de Heidegger pela educação é preparar o estudante para o acolhimento das questões que dizem respeito à abertura de caminhos que o levem ao aprendizado do pensar e promovam a capacidade reflexiva. Aprender o autêntico pensar permite alcançar a sintonia na busca pelo sentido da própria existência. Para tal, o aprendiz precisa de alguém que lhe conduza ao autêntico pensar. A responsabilidade do mestre consiste em conduzir o aprendiz, mostrando caminhos e alternativas para encontrar o pensamento e o próprio Ser. Heidegger convida a uma reflexão sobre o papel que tem assumido a escola e o educador com relação à formação dos estudantes. Nessa perspectiva, educar é provocar, é instigar o aluno a desenvolver uma formação que visa à autenticidade no pensar e na busca do verdadeiro sentido da existência. Trata-se de um convite a refletir acerca do pragmatismo e do comodismo no qual entraram muitas instituições de ensino e a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Educação. Ensino. Aprendizagem. Sentido do ser.

¹ Doutor em Educação - PPGE/UFPel. Mestre em Filosofia - PPGF/UFSM. Licenciado em Filosofia - FAFIMC. Professor Adjunto do Curso de Filosofia e do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. Coordenador Institucional - PIBID/CAPES/UNIFRA e do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS.

² Acadêmico do Curso de Filosofia - Faculdade Palotina (FAPAS). Bolsista - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES).

³ Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens - Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. Licenciada em Filosofia - Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. Bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO

A educação é o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social” (EDUCAÇÃO, 2010, p. 755), ou seja, a educação não consiste em e visa a simplesmente transmitir conhecimentos, mas desenvolver de forma integral todas as capacidades e faculdades do ser humano. Ora, podemos nos perguntar: qual o verdadeiro sentido da educação? Preparar o indivíduo para a vida ou para se inserir no mercado de trabalho? Ou ainda, para compreender o mundo da vida, no qual está inserido, ou permitir que passe no vestibular? A escola deve estar imbuída em prol de conferir sentido à existência humana ou fazer o que os pais não conseguem com seus filhos?

A busca pelo verdadeiro sentido do ser é a grande questão de toda a vida e obra heideggeriana. Embora nosso autor não tenha escrito nenhuma obra específica sobre a educação, a preocupação dele com a questão da abertura para o pensamento do ser nos permite refletir o tema da educação. O tema da educação está, portanto, relacionado à busca pelo sentido do Ser.

É preciso considerar que, entre os alemães, discutiu-se muito acerca do tema da formação. Heidegger também fala dessa formação, ou no termo em alemão, *bildung*, mas uma formação que não se fecha como preparação para chegar a determinado lugar. Heidegger trabalha a ideia de formação como algo que tem em vista uma abertura indefinida e infinita. Uma abertura do ser para o próprio sentido do ser, que está lançado no mundo, mas ao mesmo tempo se projeta, isto é, quando o ser surge o mundo já existia, por isso a ideia de ser lançado, e ele se projeta no sentido de que o ser traça alguns objetivos que pretende alcançar. Dentro deste pensamento algo também a ser destacado é aquilo que o filósofo alemão chama de aprender o pensar. Aprender a pensar é de suma importância para chegar ao sentido do ser, para o conhecimento. Aprender a pensar implica em buscar a autenticidade a partir da compreensão do mundo e das experiências vividas que são espantosas e desnorteantes.

Tendo em vista estes aspectos, buscaremos, em termos gerais, examinar a proximidade da filosofia de Heidegger com o tema da educação. Inicialmente, pretende-se analisar questão referente ao sentido do Ser e explorar o caráter essencialmente questionador do pensamento

heideggeriano. Ou seja, abordar como se dá a relação entre o ensinar e o aprender e mostrar que o interesse de Heidegger pela educação é preparar o estudante para o acolhimento das questões que dizem respeito à abertura de caminhos que o levem ao aprendizado do pensar e promovam a capacidade reflexiva. Posteriormente, intenciona-se mostrar que aprender o autêntico pensar permite alcançar a sintonia na busca pelo sentido da própria existência. Para tal, o aprendiz precisa de alguém que lhe conduza e mostre caminhos e alternativas ao autêntico pensar, eis a responsabilidade do mestre. Por fim, propõe-se a apresentar, na esteira do pensamento de Heidegger, uma reflexão sobre o papel que tem assumido a escola e o educador com relação à formação dos estudantes. Nessa perspectiva, educar é provocar, é instigar o aluno a desenvolver uma formação que visa à autenticidade no pensar e na busca do verdadeiro sentido da existência. Trata-se de um convite a refletir acerca do pragmatismo e do comodismo no qual entraram muitas instituições de ensino e a sociedade como um todo.

O SENTIDO DO SER E O APRENDER A PENSAR

A busca pelo sentido do Ser é a questão que permeia todo o pensamento proposto por Heidegger. Por isso, segundo Colomer (1990), o autor não quer ser considerado um filósofo da existência, mas do Ser. Seu problema de pesquisa pode ser circunscrito em torno da antiga questão do Ser. Trata-se de construir uma filosofia do Ser fundada na análise da existência concreta e singular do existente humano (*Dasein*). Para ele, o único problema filosófico é o do Ser, que caiu no esquecimento desde Platão e Aristóteles. A questão do Ser proporciona ao existente humano um modo de acesso ao problema do Ser em geral, pois, segundo Heidegger (2005a), o homem é uma espécie de aclaração do Ser, o lugar no qual o Ser ilumina e se descobre. Este descobrimento equivale à verdade primordial, à *alétheia* (significa o que está desvelado ou descoberto e que se manifesta com clareza, refere-se especialmente ao presente). O existente humano tem acesso à verdade do ser, porque existe. A essência de este Ser reside na sua existência.

Nesse sentido, para Heidegger existem dois sentidos para a palavra Ser. O primeiro seria o Ser do ente, isto é, aquilo que em cada situação o ente é. E, o segundo trata não do Ser do ente, mas daquele ser que permite que o ente seja. Heidegger (2005a) pergunta-se como é

possível o próprio dar-se do Ser. Ele não se interessa pela significação que o ente ganha nas suas experiências particulares, mas em como é possível que este ente receba um sentido de ser e apareça. Em outras palavras, o que faz com que uma coisa supere o não Ser e seja. Heidegger faz uma distinção de Ser e ente. Para conhecer o Ser em si, é preciso tirar o véu da natureza do ente que se apresenta nele.

Neste segundo sentido da palavra ser, Heidegger dimensiona que não basta perguntar pelos diversos modos como se dá o ente. Mas, o importante é perguntar como é possível o próprio dar-se? Seguindo a mesma linha, pode-se afirmar que o principal foco da filosofia de Heidegger não é o Ser do ente, mas o Ser como o que permite que o ente seja.

Em *Ser e Tempo* (2005a), Heidegger pretende fundar uma ontologia. Por isso, coloca o problema da existência apenas como caminho para o Ser. Existência, para ele, é sinônimo do “ser-no-mundo”. Disto decorre a seguinte questão: quem é o existente que indaga pelo Ser? O existente humano é um ente (*Dasein*) no mundo, ocupado com as coisas e age, sente, quer, pensa como se age, sente, quer e pensa. Por causa desta ocupação com o mundo, e com os outros existentes humanos, que são uma parte deste mundo, pode caracterizar-se o existente humano como preocupação ou cuidado (*Sorge*). Não se pode atingir e pensar o existente humano senão ligado ao mundo. Portanto, o ser-no-mundo é a determinação fundamental do *Dasein*.

A existência humana em Heidegger, na perspectiva de Levinas (1997), apresenta uma estrutura tríplice: como *possibilidade* a existência humana se projeta para o futuro. Os entes estão à disposição do *Dasein* que constrói com eles um mundo instrumental à base de suas preocupações. A preocupação (*Sorge*) evidencia que o *Dasein* não é uma pura possibilidade, mas uma possibilidade *fáctica* do “ser-com”. A segunda característica da *Sorge* é, pois, a facticidade. Isso significa que as possibilidades do *Dasein* em qualquer momento determinado, estão condicionadas e limitadas por uma série de circunstâncias que ele mesmo não escolheu. Enfim, a *Sorge* tem como fator constitutivo a *queda*. O *Dasein*, como ser finito, projetando suas possibilidades, descobre sua situação através de disposição de ânimo ou estados afetivos, sendo fundamental o estado da angústia. Ele foge da angústia para perder-se e cair absorvido pelo mundo instrumental. Esconde-se, então, na existência anônima e

impessoal, na qual ninguém é responsável. Cai numa existência *inautêntica* de irresponsabilidade e falsa segurança. Nesta situação, a existência é dispersa e fragmentaria.

Para Heidegger (2005a), a saída da vida inautêntica, implica a compreensão do Ser é o que possibilita encontrar o sentido do Ser. Ele fala do existente humano (*Dasein*), que pode ser entendido também como ser-no-mundo, que é o único ente que consegue compreender o Ser. O Ser lançado no mundo tem a capacidade de compreender-se e projetar-se, é um ente capaz de formular para si mesmo a pergunta acerca do Ser, ou seja, a busca pelo sentido do Ser. Este existente humano é a base para o entendimento geral daquilo que é o Ser, ou do entendimento geral de como se dá o Ser.

Outro fator importante, neste processo de saída da existência inautêntica, para Heidegger (2005a), passa pela linguagem. Segundo Figal (2005), Heidegger vê a linguagem como fundamental para o desenvolvimento do Ser, pois através dela o existente humano (*Dasein*) pode se situar no mundo e também por meio dela se desenvolve o pensamento. Percebe-se que a linguagem é fundamental na reabertura da pergunta pelo Ser e pelo seu verdadeiro sentido, pois o Ser se comunica e pensa por intermédio da linguagem.

Apesar do interesse de Heidegger pelo sentido do Ser e da autenticidade do viver, nunca chegou a escrever uma obra específica sobre o tema da educação, contudo, em alguns de seus discursos e seminários, antes e depois do seu reitorado, pode-se perceber uma grande preocupação a respeito da relação filosófico-pedagógica que envolve o ensinar e o aprender a pensar (HEIDEGGER, 2005). Neste sentido, de acordo com Lyra,

O centro da gravidade de Martin Heidegger é bem conhecido: A atenção ao Ser. Heidegger pergunta pelo sentido do Ser, pela verdade do Ser, pela história do Ser, pela topologia do Ser, pela relação entre homem e o Ser. Falar do seu interesse pela *educação* é, por conseguinte, falar de um trabalho de preparação para o acolhimento das questões que dizem respeito ao Ser, de abertura de caminhos que levem ao pensamento do Ser (2008, p. 34).

É do aprender a pensar que fala Heidegger, este caminho amplo que torna o existente humano (*Dasein*) capaz de pensar-se e pensar também o sentido do Ser. Os passos dados rumo ao pensar são, por vezes, incertos, que quando bem dados nos conduzem às portas do pensamento, onde de lá se precisa fazer um salto. Somente este salto poderá conduzir o

Dasein ao pensamento. Tal salto desconcerta e desnorteia o *Dasein*, porém o pensamento é sempre algo desconcertante.

O problema de encontrar esses caminhos que conduzam ao pensamento é justamente o mundo em que vivemos desassossegados e preocupados tão somente com o que é útil mediatamente e descrente da capacidade reflexiva. Aprender a arte de pensar é fundamental para que se conquiste a autenticidade do viver, a transparência consigo mesmo, a autonomia no decidir e agir, ou seja, busca do próprio sentido do Ser. Para isso, frente a um mundo barulhento e agitado, faz-se necessário escutar e despir-se das velhas opiniões comuns que estão postas como que rótulos e que determinam o agir humano.

A constante busca do existente humano deve ser, sempre, pelo sentido do Ser. Sem a busca por esse sentido do Ser corre-se o risco de cair num eterno vazio. Vazio este de ver-se agindo por agir, sem que haja um sentido naquilo que está fazendo. Logo, o pensar permite que, na relação com o mundo no qual foi lançado, o existente humano (*Dasein*) consiga encontrar o sentido de sua vida, agir e trabalho. O pensamento autêntico, despido de todo e qualquer determinação que possa existir e tentar funcionalizá-lo, possibilita ao *Dasein* alcançar a sintonia na busca pelo sentido da própria existência.

Para sair da rotina cotidiana das coisas, é preciso abandonar a esfera inautêntica da existência. Na rotina cotidiana, para Jaspers (1979), ficamos na esfera do impessoal, do indiferenciado. Só é possível sair desta esfera, quando se experimenta alegria ou angústia. Em *Ser e Tempo* (2005a), Heidegger reflete muito sobre a significação da angústia. Para ele, a angústia envolve o existente humano (*Dasein*), apodera-se dele. Contudo, não se trata da mesma coisa que o medo, pois este sempre tem uma causa determinada. A angústia não tem causa precisa, o *Dasein* se angustia por nada. Na angústia, o existente humano encontra-se perante o nada. Neste estado de ânimo, todo o resto dos entes desaparece e só permanece o nada, que, por sua vez, “nadifica” os entes. Diante do nada de todos os entes, o *Dasein* descobre o seu próprio nada e, ao mesmo tempo, seu próprio Ser, que não reconhece no cuidado cotidiano de sua existência. O nada aqui é o nada que o *Dasein* experimentou no estado de angústia, que faz que todo o mundo dos entes caia numa condição de insignificância indiferenciada. Não é um ente, mas a negação do ente.

Para sair do mundo cotidiano e evitar a queda no niilismo, faz-se necessário que o aprendiz predisponha de alguém que lhe conduza no caminho para encontrar o sentido do Ser e a abertura ao pensamento autêntico. Heidegger (2005) enfatiza que mais difícil que aprender a pensar é ensinar a pensar. Por isso afirma que a responsabilidade do mestre é por vezes maior que a do aprendiz, visto que ele tem a missão de conduzir o aprendiz, mostrando caminhos e alternativas, para encontrar o pensamento. Aprender a pensar é, portanto, sintonizar-se na própria busca pelo sentido não somente das coisas, mas do próprio Ser.

Muito além de perguntar-se qual o rumo que está tomando a educação, pode-se perguntar de que modo se dá a própria educação? Sem buscar respostas rápidas ou prontas, primeiro é preciso refletir sobre o papel que tem assumido a escola com relação à formação dos alunos. Inicialmente há que se levar em conta que a responsabilidade de educar, que outrora era primordialmente dos pais, vem sendo transferida para as instituições de ensino, pois a maioria dos pais não tem tempo para cuidar de seus filhos. Por outro lado, percebe-se na escola, uma preocupação em formar profissionais para o mercado de trabalho. Portanto, educar, segundo Heidegger, é “estimular o aprendiz na busca pelo verdadeiro sentido do Ser, do mundo, das coisas que estão no mundo, numa relação com elas. É aproximando-se das coisas, pelas experiências que o sujeito começa a entender-se no mundo e a entender o próprio mundo no qual está lançado” (2005, p.79).

FILOSOFIA E FORMAÇÃO QUESTIONADORA

Qual é o sentido do educar? Esta interrogação não implica somente uma questão acerca da direção para qual a educação está indo, mas, sobretudo, para o modo como ela está indo para esta direção. A saber, a pergunta pelo sentido do educar indica uma preocupação tanto com o como fazer, quanto com o para que fazer. Na prática docente, isto se traduz em uma postura crítica ante ao puro uso da técnica, ou seja, o uso tecnicista da tecnologia, pois apenas saber ensinar é diferente de garantir a construção do conhecimento pelo estudante – o aprender a aprender.

Será que o sentido do educar passa tão somente por garantir a transmissão do conhecimento (técnico-científico), desenvolver no estudante aspectos intelectuais e afetivos,

formar cidadãos autônomos e críticos perante as exigências do mundo etc. Parece-nos que a resposta a presente indagação envolve, antes de qualquer coisa, uma postura aberta a pensar sobre o caráter histórico da educação e a origem da escola. Nesta perspectiva, para Sodelli (2008), até a idade média, a atividade de trabalho estava associada à produção artesanal e ao comércio, e não havia de fato, separação entre a vida e trabalho, entre socialização familiar e profissional. Na modernidade, houve uma crescente necessidade de conhecimentos especializados na área técnica-científica para a produção do trabalho e o que aumentou a exigência de preparação das pessoas para a entrada no mundo profissional. Neste contexto, a escola passou a representar um espaço de transição e preparação da vida da criança (infantil) para a vida adulta (mundo do trabalho). Nas últimas décadas, observa-se que as escolas vêm assumindo a tarefa de educar, já que os pais não têm “tempo” para educar seus filhos, pois estão fora de casa (trabalhando) e solicitam das escolas este posicionamento. Nesta esteira, as escolas públicas pretendem formar trabalhadores/empregados e as escolas particulares busca formar para o estudante lograr êxito no vestibular e/ou algum outro certame (concurso). Assim, facilmente se identifica um sentido de educar comum entre a educação pública e a particular: ambas contribuem na formação do aluno para a inautenticidade.

Percebe-se, que a escola muitas vezes sobrecarrega o aluno de informação e isso o conduz à inautenticidade. Vive-se em um mundo onde o que impera é o produzir e o consumir. Sentir as coisas muitas vezes é entendido como perda de tempo. É aí que a busca pelo verdadeiro sentido do Ser é esquecida, visto que o ser-no-mundo não se permite sentir as coisas e muito menos tem tempo para refletir sobre elas. O educador tem o papel de ir contra isso e pôr os alunos em questão e assim, promover no aprendiz, o interesse pela busca do verdadeiro sentido do Ser, tornando-se autêntico. Nessa perspectiva, consoante com Heidegger, educar é provocar suspeita, é instigar o estudante a pensar o mundo, ou seja, sobre qual é o seu lugar, enquanto existente humano (*Dasein*) no mundo, criando um sentido para sua existência.

Para associarmos o tema da educação ao pensamento de Heidegger devemos tomar como base o conceito de formação, retirado por ele do termo alemão *Bildung*, que posteriormente será desenvolvido por Gadamer. “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (ARISTÓTELES, 2003, p. 3), portanto, Heidegger percebe que está naturalmente no

existente humano (*Dasein*) a curiosidade⁴, por isso é que ele questiona, interroga, pergunta. Há um consenso de que a filosofia nos fornece muito mais problemas (interrogações) do que respostas, isso porque a ela quer auxiliar o existente humano em seu desejo de conhecer, pois a partir das perguntas que faz ele consegue chegar mais perto do saber que busca. Como se fossem dois caminhos, a filosofia e a humanidade juntas formam uma única via, em que o homem na sua curiosidade e com o caráter instigador da reflexão, que é próprio da filosofia, passa a caminhar nessa direção, visando ao conhecimento da verdade e ao desenvolvimento de suas possibilidades.

Comentando a abordagem que Gadamer fez do termo alemão *Bildung*, na obra *Verdade e método*, que é utilizado por Heidegger, Werle afirma que:

Bildung se refere a uma educação total, interior e exterior, inclusive sensível do ser humano, que leva em conta o desenvolvimento imanente de todas as suas possibilidades e potencialidades, ao contrário da *formatio*, que se volta mais para o desdobramento de faculdades ou de talentos e se orienta por preceitos oriundos do exterior (2008, p. 18).

Quando Gadamer enfatiza que é preciso de uma formação interior e exterior, é necessário percebermos que uma formação tecnicista quer desenvolver as habilidades do homem, no entanto essas habilidades a que visa são meramente externas (ALVES, 2011a). A proposta que a *bildung* nos proporciona é a de inverter a percepção de se desenvolver primeiramente as habilidades técnicas, que são exteriores, para depois olhar para si; mas a de primeiro desenvolver o que está dentro de cada um. Pensando nisso, Heidegger mostra o seu posicionamento sobre como voltar de imediato o olhar para dentro de si, a partir do questionar. No interior de cada existente humano (*Dasein*) há a sede pelo saber. Essa sede pelo saber precisa ser trabalhada e o método, proposto por Heidegger, que é notado em muitos títulos de suas obras, em que várias possuem como título uma pergunta que não é respondida

⁴ Sobre a curiosidade, recomenda-se a leitura obra de Achylle Alexio Rubin, *Minha pequena filósofa, minha pequena filosofia*. Nesta obra, Rubin escreve sobre como a curiosidade aparece de forma muito acentuada já na infância e alega que a escola ‘mata’ essa curiosidade, ocultando o desejo de conhecer do homem. Faz isso através de uma experiência com sua sobrinha, que na obra possui o nome fictício de Luzia. É possível observar, através da leitura dessa obra, que uma educação que não busque o desenvolvimento do homem, pode prejudicar a sua sede pelo saber, assim como comenta Adaminski: “o grande problema da criança é a falta de incentivo e a falta de alguém para estimular o pensamento a fim de que ela desenvolva essa vontade de buscar sempre mais e perceber que tem muito a conhecer” (2003, p.32).

com objetividade, pois ele quer causar no leitor uma inquietação, uma reflexão, um pensar que mais do que próprio de cada um, o conduza de uma forma que não seja dogmática à resposta. Quanto a isso, diz Werle:

Esse carácter interrogativo se reflete no modo de apresentação e na forma da maioria dos textos de Heidegger, que ora têm por título uma pergunta: O que significa pensar?; Que é metafísica?; Que isto – a filosofia?; Para quê poetas?; Quem é o Zaratustra de Nietzsche? ora afirmam no título a noção de pergunta: A questão (Frage) da coisa; A questão (Frage) da técnica; Sobre a questão do ser (Seinsfrage) (2008, p. 19).

O que Heidegger quer com esse método, próprio da fenomenologia e hermenêutica, é causar uma inquietação no leitor, porque é o existente humano (*Dasein*) quem dá o sentido às coisas (ALVES, 2011b). A partir das perguntas que recebe e faz, o homem encontra primeiramente o seu sentido como ser-aí e é motivado a continuar a dar sentido para o que está ao seu redor. Nesse sentido, o *Dasein* passa a se interessar mais em conhecer a si mesmo e o seu redor, não se fechando jamais, como se bastasse o que ele já conheceu, mas sempre com anseio a um horizonte em cujo fim nunca é visto, com uma sede de conhecimento insaciável para aperfeiçoar-se mais e mais.

De acordo com Werle (2008), Heidegger também possui outras obras com a metáfora ‘caminho’, no sentido de que se siga na procura de respostas, cuja pretensão não é conduzir nunca a uma única resposta. Retomando a analogia dos Caminhos, seria como se depois de a humanidade encontrar-se com a filosofia, ambas caminhando juntas chegassem a uma ramificação de caminhos em que cada um leva a uma vasta possibilidade de lugares.

Na nossa perspectiva, Heidegger confere à filosofia um carácter de questionadora e enriquecedora da existência humana. A partir dessa exposição, foi possível constatar como essa ideia esteve presente nas obras, ensaios e conferências de Heidegger (2002). Essa mesma característica da filosofia abordada por ele, esteve presente na filosofia Clássica e continua presente, em grande medida, na filosofia contemporânea, caso contrário, perderia sua característica mais notável e nobre, que é a instigação e a construção do saber por meio da reflexão. Por isso, defendemos aqui que é necessário ao homem desenvolver a potencialidade

reflexiva que está em seu cerne através da filosofia e isto o levará posteriormente a desenvolver suas habilidades existenciais.

EDUCAÇÃO INTEGRAL E O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA

As disciplinas das humanidades e aquelas que dela emanaram que estão presentes nos currículos escolares, mas em particular a filosofia, quer proporcionar um desenvolvimento das potencialidades, através de uma formação que desenvolva integralmente o existente humano (*Dasein*).

A partir disso, podemos nos perguntar: como pensar em educação sem levar em consideração o próprio objeto da educação com toda sua complexidade, a saber, o existente humano? Como pensar em educação sem levar em consideração sua cultura, sua história, suas características biológicas e psicológicas, suas capacidades e até mesmo os seus anseios? Pensar em educação sem levar em consideração todas as particularidades do protagonista da educação, seria uma grande estupidez.

Segundo Sodelli, os alunos se frustram com “os conteúdos curriculares cada vez mais amplos e complexos, distante de seu mundo, de sua experiência de vida” (2008, p. 205). O aluno deseja sim aprender, busca algo que ainda não possui, mas o que ele busca aprender não pode ser paralelo a sua realidade. Nesta mesma perspectiva, para Levinas (1997), Heidegger apresenta uma visão fenomenológico-existencial do *Dasein*, cujo objeto do estudo possui uma complexidade que não pode ser ignorada, mas que necessita ser levada em consideração para que a educação cumpra seu primeiro objetivo – aprender a aprender e a pensar.

Inspirado em Heidegger, Sodelli observa que o existente humano sente angústia e culpa, pois “é o único ser que sabe da sua finitude, de que um dia vai terminar, de que ele é um ser mortal” (2008, p. 206) e a culpa está ligada à consciência e à falha. Ou seja, que existente humano não é perfeito, por isso erra e fracassa, porém é livre para tomar decisões, o que gera tanto a aceitação, como a recusa, e não vive isoladamente, é um ser-no-mundo: “ter-que-ser alguma coisa, o tempo todo, o homem entrelaça no mundo, por meio da busca incessante pelo sentido” (SODELLI, 2008, p. 208); possui estados de humor que alteram as suas percepções e comportamentos. Muitas são as características do existente humano

(*Dasein*) e não podemos ignorar no processo educacional essas características que estão presentes no aluno. Porém, é preciso saber como lidar com cada uma delas para alcançar o desenvolvimento integral que, segundo a perspectiva heideggeriana, seria a de educar o *Dasein* para a autenticidade.

A autenticidade na educação consiste, basicamente, em conseguir levar o existente humano ao caminho em que consiga desenvolver suas possibilidades e potencialidades para posteriormente desenvolver suas habilidades, de modo que saiba lidar com suas características que são próprias tendo consciência de que elas não são ruins, mas que lhe dão o seu ser-homem, com todo o seu aglomerado de características que o formam e possibilitam-no conhecer e perceber a si mesmo e ao mundo. Algumas vezes, pode-se pensar que estar angustiado é algo ruim porque causa um desconforto. Para Heidegger (2005b), a angústia é um impulsionador do *Dasein*, isso porque ele se angustia por não saber o que deseja conhecer, ele quer acabar com o desconforto saciando o desejo pelo conhecer ou saber.

Contudo, para Abbagnano (1962), a experiência da angústia faz o existente humano sentir que está aí, no mundo, indefeso, sem ajuda e sem recursos. A angústia confere ao *Dasein* a percepção de que ele foi jogado no mundo e não sabe por quê. Esta experiência do existente humano é essencialmente finita, limitada pela morte. O *Dasein* é, essencial e constitutivamente, “ser-para-a-morte”, ou seja, existe para morrer. Haverá, pois um momento em que não haverá mais coisas diante do existente humano. Este é o momento da morte, que Heidegger caracteriza como a possível impossibilidade de toda a possibilidade. Aqui, o *Dasein* está imerso num tempo limitado e finito, isto explica o caráter trágico da inquietude. Porém, neste mundo limitado o *Dasein* realiza um movimento de transcendência ao mundo, ao futuro e aos outros existentes humanos. Esta transcendência à qual Heidegger se refere está despida de seu caráter religioso, pois se trata de uma transcendência que se dá no interior da própria imanência.

Heidegger caracterizou a existência humana como ser-no-mundo (PENHA, 2002). Existir é estar fora-de-si, isto é, estar no mundo, pois o *Dasein* está sempre aberto ao mundo. No entanto, o *Dasein*, enquanto projeto, está voltado para o futuro e também sempre diante de si mesmo. O existente humano é um projeto sempre volta para as suas possibilidades. Neste sentido, o *Dasein* é inquietude e temporalidade, por isso é o Ser que há de existir. Mas,

segundo Heidegger, o existente humano também está sempre no passado, pois o presente é a conjugação entre passado e o futuro.

A proposta de uma educação integral através do ensino de filosofia, visa a fazer com que o aluno utilize esse desconforto que tem dentro de si, causado pela angústia e pela culpa, como um combustível para o saber, que não encare como sendo negativo e não fique estagnado diante do desconforto e fuja dele, caso contrário nunca vai conseguir estar realizado e feliz. A filosofia empurra o homem para o saber que ele não só quer, mas também precisa, e a educação integral quer unir o desejo de saber e a necessidade do existente humano sentir que está no caminho de sua realização.

Uma das pretensões de Heidegger em *Ser e Tempo* (2005a), é realçar que a questão do Ser só pode ser assumida, apropriada, radicalizada e desdobrada quando aquele que com ela se relaciona também se coloca em questão, ou seja, a experimenta. Assim, também ocorre com a educação. Se educar significa algo mais do que inculcar erudição na cabeça dos que não têm, se formar representa algo mais do que a transmissão de conhecimentos úteis, então estamos diante de uma tarefa cujo sentido é eminentemente filosófico. Eis porque não devemos apenas pensar no caráter educacional da filosofia, mas, também, no caráter filosófico da educação. Educar, bem como filosofar, deve trazer o homem para perto de si mesmo, precisa facultar a apropriação de uma relação com o mundo que só acontecerá a partir do momento em que ela for feita de modo íntimo e pessoal.

Neste sentido, para Heidegger, “ensinar é ainda mais difícil do que aprender” (2005, p. 77). Isto não significa que aquele que ensina deve saber mais do que os que aprendem ou que deve estar mais preparado para, a qualquer momento, responder ao que lhe for perguntado. Ou seja, na compreensão de Heidegger, ensinar é mais difícil do que aprender porque ensinar significa, na verdade, convidar a aprender. Nenhum professor “deixa que nada seja aprendido senão – o aprender” (HEIDEGGER, 2005, p. 77). Este argumento evidencia que o processo educacional autêntico é aquele em que alunos aprendem o próprio significado do aprendido. Isso implica que eles aprendam que, somente se forem chamados singularmente pelo que está em questão, de fato estarão aprendendo. O professor deve ensinar, antes de tudo, um singelo convite, não se trata aí de transmitir nenhum conteúdo específico, mas a forma de relacionamento que é o aprender. Por isso, a conduta do professor, muitas vezes, “dá a

impressão de que com ele não aprendemos propriamente nada” (HEIDEGGER, 2005, p. 77). O padrão normal de aprendizado possui uma expectativa contrária ao verdadeiro aprendizado, já que este último consiste não em sair sabendo necessariamente mais do que antes do processo educacional, mas o que realmente importa é ter aprendido a aprender.

Portanto, o verdadeiro sentido do educar não pode ser a pura transmissão de conhecimento pois nela permanece o comodismo dos homens. A saber, educar, implica convidar o existente humano para que ele assuma com o Ser uma relação própria, ou seja, que assuma para si tal relação como algo que lhe concerne, e não apenas como algo dado e já sabido. Por isso, quando Heidegger fala que o professor ensina não mais do que o convite a aprender, ele está, ao mesmo tempo, falando do cerne da filosofia, já que o homem deve ser tomado pela questão do Ser de modo singular. Enfim, o sentido educativo da filosofia, não deve ser diferente do sentido filosófico da educação: despertar o homem do comodismo impessoal e da vida inautêntica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nossas reflexões podemos, agora, fazer alguns apontamentos. A visão de uma educação que comece de dentro para fora, apresentada por Heidegger, indica que, antes de pensarmos na estrutura física de uma escola, precisamos trazer ao centro da reflexão quem será o protagonista da educação, o aluno. A educação cumprirá os seus objetivos quando o aluno utilizar a inquietação que possui, causada pela angústia da curiosidade instigada a seu favor, para que além no ambiente escolar, possa continuar desejando conhecer mais, tanto de si quanto do que está ao seu redor e se sentido feliz.

Um dos grandes problemas que comprometem o processo de aprendizagem de um estudante é a falta de incentivo e a falta de alguém para estimular o pensamento, a fim de que se desenvolva essa vontade de buscar sempre mais e perceber que tem muito a conhecer. Portanto, o que o estudante necessita é de incentivo para que continue desenvolvendo e aprimorando o seu desejo de saber. Auxiliar os estudantes no processo de aquisição e construção de saber, inicialmente, cabe aos pais, e posteriormente aos professores, pois o conhecimento se torna indispensável para a compreensão e reflexões sobre o mundo da vida.

Para que a educação de fato tenha êxito, não se podem ignorar as características que são próprias do *Dasein*, tanto as que são comuns a todos quanto aquelas que são particulares a cada indivíduo. O que a tornará autêntica a existência do *Dasein* é a capacidade que ele tem de desenvolver as potencialidades inerentes à sua condição humana, porém isso só ocorrerá mediante o conhecimento e a reflexão críticas providas e proporcionadas pelo ensino de filosofia. Além destas características do existente humano, há que se considerar também os estados de ânimos (desejar e querer), ou seja, os seus anseios, pois eles permitem caminhar não somente onde precisa, mas também aonde deseja.

Algumas vezes parece-nos que o homem não sabe lidar com seus sentimentos. A educação necessita, para que seja de forma integral, autêntica e de dentro para fora, auxiliar o homem a viver com suas emoções de forma equilibrada, jamais as encarando como algum obstáculo no caminho, mas como algo que dê gosto à caminhada da educação e à vida. Também a escola, que possibilita as relações entre os homens (ser-com-os-outros), deve se preocupar no desenvolvimento dessas para que possa viver bem na sociedade em que está inserido (ser-em).

O ensino da filosofia na educação do homem quer fazer com que este sinta o prazer de caminhar em busca da verdade por meio dos questionamentos que causam inquietude. A verdade não pode ser dada de imediato ao aluno, mas com o auxílio da filosofia ou qualquer outra disciplina que conserve em sua essência o caráter questionador, que instigue e desperte para a construção do saber. Ou seja, que mostre como fazer para chegar à verdade e tenha autonomia para continuar a buscá-la e aperfeiçoar-se, não sendo apenas um sujeito passivo da educação.

Portanto, estudar o pensamento de Heidegger é de grande valia para a educação. A formação que visa à autenticidade na busca do verdadeiro sentido do ser é algo que deve ser levado em conta. Através do pensamento de Heidegger é possível trazer a reflexão acerca do pragmatismo e do comodismo no qual entraram muitas instituições de ensino e até mesmo a sociedade como um todo. Buscar o verdadeiro sentido do ser e a relação do próprio ser é pensar, sobre si mesmo, sobre a própria existência, desprendendo-se do senso comum, do comodismo e do pragmatismo em que muitas vezes se cai. Olhar para dentro de si e perceber-se, e descobrir-se também em relação com as coisas no mundo é refletir, em última análise, o

próprio sentido da vida, fugindo de uma vida funcional, que visa somente a produzir e consumir.

Resumem: El artículo examina la proximidad de la filosofía de Heidegger con el tema de la educación, que está relacionado con la búsqueda del sentido del Ser y puede ser explorado a partir del carácter esencialmente cuestionador de su pensamiento. El interés de Heidegger por la educación es preparar al estudiante para la acogida de las cuestiones que se refieren a la apertura de caminos que le lleven al aprendizaje del pensamiento y promuevan la capacidad reflexiva. Aprender el auténtico pensar permite alcanzar la sintonía en la búsqueda del sentido de la propia existencia. Para ello, el aprendiz necesita a alguien que le conduzca al auténtico pensar. La responsabilidad del maestro consiste en conducir al aprendiz, mostrando caminos y alternativas para encontrar el pensamiento y el propio Ser. Heidegger invita a una reflexión sobre el papel que ha asumido la escuela y el educador en relación con la formación de los estudiantes. En esa perspectiva, educar es provocar, es instigar al alumno a desarrollar una formación que apunta a la autenticidad en el pensar y en la búsqueda del verdadero sentido de la existencia. Se trata de una invitación a reflexionar acerca del pragmatismo y del comodismo en el que entraron muchas instituciones de enseñanza y la sociedad como un todo.

Palabras clave: Educación. Enseñanza. Aprendizaje. Sentido del Ser.

Abstract: The article examine the proximity of Heidegger's philosophy to the theme of education, which is related to the search for the sense of Being and can be explored from the essentially questioning character of his thought. Heidegger's interest in education is to prepare the student for the reception of questions that concern the opening of paths that lead to the learning of thinking and promote reflective capacity. Learning authentic thinking allows one to achieve harmony in the quest for the meaning of one's own existence. For this the apprentice needs someone who leads him to authentic thinking. The responsibility of the teacher is to lead the learner, showing ways and alternatives to find the thought and the Being itself. Heidegger invites to a reflection on the role which the school and the educator have to take with regard to the formation of the students. In this perspective, to educate is to provoke, it is to instigate the student to develop a formation that aims at the authenticity in the thought and the search of the true sense of the existence. It is an invitation to reflect on the pragmatism and the commodity with which many educational institutions and society as a whole have entered.

Keywords: Education. Teaching. Learning. Sense of being.

REFERÊNCIAS

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 18 | n. 30 | p. 99-116 | Jul. 2017
Recebido em: 06.05.2017 Aprovado em: 09.06.2017

ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao existencialismo**. Lisboa: Minotauro, 1962.

ALVES, Marcos Alexandre. Da hermenêutica filosófica à hermenêutica da educação. **Acta Scientiarum. Education (Online)**, v. 33, p. 17-28, 2011a.

ALVES, Marcos Alexandre. Interpretação e compreensão: da hermenêutica metodológica à experiência hermenêutica como crítica e fundamento do saber filosófico. **Princípios (UFRN. Impresso)**, v. 18, p. 181-198, 2011b.

ADAMISKI, Leossandro Carlos. Educação e filosofia: a importância da filosofia para criança. **Litterarius**. Santa Maria, v. 2, n. 1, p. 31-40, jan./jun. 2003.

ANDRADE, Pedro Duarte de. Heidegger educador. **Aprender**. Vitória da Conquista, ano VI, n.10, p. 57-72, 2008.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

COLOMER, Eusebi. **El pensamiento alemán de Kant a Heidegger**. Barcelona: Herder, 1990. v.III.

EDUCAÇÃO. In: **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010, p. 755.

FIGAL, Günter. **Martin Heidegger: Fenomenologia da Liberdade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FONTE, Sandra Soares Della. Heidegger, o Pós-Moderno e a Educação. **Educação e Realidade**. Espírito Santo, p. 191-209, jan./abr. 2009.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1997, v. 1.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. V.1. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005a.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. V. 2. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005b.

HEIDEGGER, Martin. **Qué significa pensar?** Madrid. Editorial Trotta, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JASPERS, Karl. **Filosofia da existência**. Editora Cultrix: São Paulo, 1979.

LEVINAS, Emmanuel. **Descobrimdo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LYRA, Edgar. Heidegger e a educação. **Aprender**. Vitória da Conquista, ano VI, n.10, p. 33-55, 2008.

PENHA, João da. **O que é existencialismo?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

RUBIN, Achyelle Alexio. **Minha pequena filósofa, minha pequena filosofia**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

SODELLI, Marcelo. Sobre o sentido de educar. **Aprender**. Vitória da Conquista, ano VI, n.10, p. 203-222, 2008.

WERLE, Marco Aurélio. Heidegger e a arte de questionar. **Aprender**. Vitória da Conquista, ano VI, n.10, p. 17-31, 2008.